

## **Filosofia, EPT e o exercício do pensamento**

Nei Jairo Fonseca dos Santos Junior<sup>1</sup>  
Doutor em Educação (UFPEl)  
Docente IFSul-Novo Hamburgo

**RESUMO:** Em alguns setores, predomina a ideia de que o componente curricular filosofia pode ser dispensado. Essa inclinação é relativamente forte no ensino técnico integrado. Com isso, as áreas tecnológicas tendem a silenciar a influência dos filósofos Clássicos e de sua validade na formação humanística. O juízo negativo em relação à filosofia reitera o filosofar como âmbito ou aspecto inútil, sem nenhuma grande contribuição para a formação humana. A questão que perpassa o debate é concernente ao próprio conceito de educar. No fundo, o problema é a indagação a respeito da diferença entre formar, educar e instruir. Desenvolvemos a reflexão de que a filosofia é uma área do saber mais preocupada com a formação e a emancipação humanas do que, simplesmente, com um tipo de instrução limitada à manipulação de objetos, fórmulas e aplicações. De um lado, a insistência centra-se no ideal de sujeito emancipado e, do outro, na simples instrumentalização. De uma forma ou de outra, o componente curricular filosofia não perde sua inspiração criadora, presente tanto nos cursos técnicos integrados – como é o caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), como nos demais cursos de nível básico, médio ou superior.

**PALAVRAS-CHAVES:** Filosofia; Ensino Médio Integrado; IFSul.

### **Introdução**

Uma reflexão sobre as instituições escolares brasileiras, em todos os níveis, no início do século XXI, nos revela o retrato constrangedor de uma dívida quantitativa e qualitativa. É no ensino médio em que esta dívida se explicita de forma mais perversa, a qual se constitui numa forte mediação de negação da cidadania efetiva à grande maioria dos jovens brasileiros. Por ser a instituição escolar produzida dentro de determinadas relações sociais, este retrato só ganha melhor compreensão quando analisado no interior da especificidade do projeto capitalista de sociedade, que foi sendo construído no Brasil, desdobrando-se num longo período de colonização (econômica, político-social e cultural), sendo a última sociedade ocidental a proclamar o fim da escravidão.

Levantaremos algumas questões para, junto, pensarmos novas formas de reavivar e fortalecer os diálogos entre o sindicato e a sociedade, e dessa maneira, perspectivar novos horizontes para o ensino, a pesquisa e a extensão de filosofia no cenário nacional. As questões nomeadas filosóficas podem desafiar nossas crenças mais fundamentais, nesse sentido apresentamos uma reflexão sobre uma concepção de filosofia e seu ensino no IFSul – Câmpus

---

<sup>1</sup> neijunior@ifsul.edu.br

Avançado Novo Hamburgo. O componente curricular filosofia, no ensino técnico integrado ao ensino médio, é muitas vezes rejeitado por estudantes e professores de outras áreas do saber, por ser compreendido como sem relevância para a vida cotidiana dos estudantes, que se resume ao imediatismo, a manipulação midiática e a precariedade de exercício do senso crítico.

Mesmo sem perceber, todos nós temos crenças filosóficas, diluída em noções tais como: a crença em Deus; a possibilidade das almas transgredirem para outro plano após a morte; a questão dos valores; da crença numa verdade universalmente aceita sobre as definições do que é certo ou errado; ou a noção de que os valores devam ser analisados segundo uma perspectiva subjetiva. Essas crenças têm, na maioria das vezes, um grande impacto sobre nossas vidas cotidianas. A presença das reflexões filosóficas é constatada nos mais variados debates sobre liberdade; aborto; pena de morte, direitos e deveres; eutanásia; preservação da natureza, entre outros. Um estudante que nunca tenha pensado sobre tais questões, ou que apresente sérias limitações na compreensão sobre temas cotidianos, configura-se como um sujeito mal preparado ou em séria desvantagem para avaliar o sentido das experiências.

Quando nos atemos aos conteúdos explorados nas aulas de filosofia para o ensino técnico integrado no IFSul – Câmpus Novo Hamburgo, podemos antecipar o caráter perturbador que a dúvida provoca nos estudantes, já que muitas ideias que eles tinham a convicção de suas verdades, acabam se desmantelando, não surpreendendo que muitos desses estudantes optem por não pensar em problemas filosóficos, preferindo resguardar sua capacidade compreensiva a noções que aparentemente não ofereçam riscos.

Uma das atividades propostas no componente curricular filosofia é *questionar os fundamentos*. Tal proposta já se configura como postura de resistência aos ataques a Educação Brasileira. Alguns dos grandes debates morais e políticos resultaram da disposição em questionar, rejeitando, em muitos casos, as suposições iniciais sobre a verdade. As ideias de empoderamento da mulher e de negação de qualquer forma de escravidão receberam grande aceitação em tempo muito recente, resultado de um *questionar*.

O componente curricular filosofia, no ensino técnico integrado, estabelece-se como um convite aos estudantes a realizarem uma análise de expressões que carregam o termo “filosofia”, em razão do seu planejamento objetivar, direta ou indiretamente, a busca pelo seu significado. Quando técnicos de futebol comentam sobre a “filosofia” do time ou os administradores anunciam a “filosofia” da empresa, interpretamos que, nesses casos, a filosofia é entendida como um conjunto de ideias selecionadas como as melhores para usos estratégicos, almejando resultados que representem a conclusão sucedida de projetos previamente elaborados, sendo

assim, a “filosofia” é interpretada como um conjunto de ideias sistematizadas, que operam instrumentalmente como um guia para fins pré-determinados.

Na época clássica dos gregos, não existia uma diferenciação entre filosofia e ciência, e tal vínculo se justifica pela simples circunstância de que as ciências particulares não haviam ainda se desenvolvido a ponto de desvincular-se de sua origem filosófica. Esta unidade entre filosofia e ciência está enraizada no modo grego de conceber o conhecimento. Conforme nos indica Platão, o filósofo, na definição presente no *Banquete* (203e-204a) e no *Fedro* (278d), não é o sábio nem o ignorante, mas aquele que possui amor à sabedoria. “Saber” nesse contexto significa o saber teórico, o discurso que pretende a verdade. Platão louva o mérito de Sócrates por ter estabelecido as condições mínimas para se atingir o saber teórico. A definição platônica de filosofia situa-se nessa dimensão entre o sábio e o ignorante, pois não cabe ao filósofo reivindicar qualquer posse definitiva da verdade. A contribuição de Platão para pensarmos a concepção clássica de filosofia está em estabelecer a dualidade rigorosa entre o saber metodicamente estabelecido, a *episteme*, e o discurso não regado, entendido como *doxa*.

A filosofia, na Grécia Clássica, inaugurou um modo de pensar o tratamento dos temas que passa a se dedicar, e podemos verificar isso a partir na análise da reconhecida primeira proposição filosófica. A primeira proposição filosófica, dando créditos a Nietzsche, foi enunciada por Tales (625-547), a saber, que a *água é o principio de todas as coisas* (NIETZSCHE, 1973). Nesse caso, cabe questionar o que haveria de filosófica na proposição de Tales. Hegel afirma sobre tal proposição que “com ela a Filosofia começa, porque através dela chega à consciência de que o um é a essência, o verdadeiro, o único que é em si e para si”. Nietzsche por sua vez afirma:

[...] a filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem ou fabulação; e, enfim, em terceiro lugar porque nela, embora apenas em estado de crisália, está contido o pensamento: ‘Tudo é um’. A razão citada em primeiro lugar deixa Tales ainda em comunidade com os religiosos e supersticiosos, a segunda o tira dessa sociedade e no-lo mostra como investigador da natureza, mas, em virtude da terceira, Tales se torna o primeiro filósofo grego (NIETZSCHE, 1973, p. 16).

A filosofia representa, na interpretação de Nietzsche, a passagem do mito para o *logos*, representando um passo emancipador na medida em que liberta o homem de um mundo mágico.

A ideia de uma *arquê*, que em grego apresenta um amplo sentido, estendendo-se desde princípio, origem e destino, indica uma estrutura de pensamento que a diferencia o *pensar filosófico* da compreensão mitológica. Portanto, em sua origem, a filosofia pode ser considerada

como um saber geral, um saber que hoje, dado os desenvolvimentos das ciências particulares, é impossível de ser alcançado pelo filósofo.

### **Considerações sobre filosofia e seu ensino no nível técnico integrado**

Os professores de filosofia frequentemente se queixam de que o estudante do nível médio integrado não possui as qualificações requeridas para esta forma de saber. Estas constatações trazem implícita uma crítica e uma tarefa aos IFs, pois compete a estas instituições desenvolver as qualificações requeridas para o estudo da filosofia. É preciso, juntamente com os conteúdos de filosofia, investir na sua aquisição, isto é, na capacidade de ler, interpretar, abstrair, argumentar, redigir etc. A pretensão de relacionarmos a filosofia e seu ensino no nível técnico integrado, nos remete à impossibilidade de abarcar todo âmbito do conhecimento humano, como desejavam os gregos, no conceito de um componente curricular, parecendo ser mais plausível pensar numa restrição temática à filosofia. Nesse sentido, o componente curricular filosofia teria um âmbito de problemas específicos sobre os quais trataria. Desenvolvendo este raciocínio, indicamos que o ensino de filosofia, na educação técnica integrada, é uma possibilidade de superação dos efeitos de massificação. Além do mais, IFSul – Câmpus Avançado Novo Hamburgo, é afetado por uma pressão social em termos de formar profissionais capacitados para atuarem de forma otimizada no mercado de trabalho.

A partir da homologação, em 2008, do Parecer 38/2006 do Conselho Nacional de Educação, ocorreu a reimplantação de um componente curricular por muito tempo ausente na maioria das instituições de ensino, motivo pelo qual ela não se encontra consolidada, de modo satisfatório, como componente curricular do ensino médio e técnico, tanto no que se refere aos materiais didáticos adequados quanto aos procedimentos pedagógicos. É faltante, ainda, uma avaliação de seu desempenho, por assim dizer, histórico, que lhe permita vencer as várias formas de resistência cultural que questionam sua importância.

O componente curricular filosofia é pensado no IFSul – Câmpus Avançado Novo Hamburgo, objetivando o aprimoramento do educando como ser humano, a sua formação ética, o desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competências. Uma das tarefas mais urgentes do ensino de filosofia, em especial, na formação técnica, é a compreensão da relação entre filosofia e ensino. Desde sua origem, a filosofia inaugura uma forma de pensar pautada por explicações elaboradas e argumentadas. Os conceitos de ordem, desordem, felicidade, tragédia, comédia, prazer, finitude e compreensão suscitam admiração, curiosidade por parte dos estudantes, portanto, merecem uma atenção especial dos professores de filosofia na educação técnica integrada.

O componente curricular filosofia pode, além de favorecer a integração das várias áreas do conhecimento, contribuir para a formação técnica integrada na medida em que seu papel no desenvolvimento da autonomia, da capacidade crítica e na formação ética está diretamente ligado à sua função crítica. O componente curricular filosofia é ministrado no IFSul de forma relacionada com as linguagens, entendidas como instrumento de produção de sentidos para toda e qualquer formulação do intelecto humano, para isso utiliza-se diferentes formas de acesso, organização e sistematização de conhecimentos. As aulas de filosofia são focadas no desenvolvimento das capacidades de ler textos filosóficos de modo significativo, ler de modo filosófico textos de diferentes estruturas e registros e, para finalizar, os estudantes elaboram por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo. Tais movimentos geram um debate, em que os estudantes tomam posições e as defendem argumentando, podendo mudar de posição em face de argumentos mais consistentes.

### **Intenções das aulas de filosofia no ensino técnico integrado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Câmpus Novo Hamburgo**

As competências de representação e comunicação, isto é, a capacidade de debater, sustentando sua opinião com argumento próprio, assim como a possibilidade de mudar de posição em virtude da força de outro argumento, é o resultado esperado segundo a proposta do componente curricular filosofia, desenvolvendo no estudante uma capacidade essencial para a cidadania. Desde sua origem na *Ágora* grega, a filosofia constitui-se como uma atividade dialógica, acontecendo de forma intersubjetiva, segundo a troca de argumentos entre iguais, num espaço público.

As aulas de filosofia almejam suscitar o debate entre estudantes, sobre temas filosóficos ou de interesse. O resultado dessa experiência está em transformar uma simples troca egocêntrica de opiniões em um debate informado pela análise de textos, pautado na disposição social do respeito pelo outro, o que simboliza a disposição para dar razões às opiniões próprias e modificá-las a partir das perspectivas e argumentos apresentados por outros. Os resultados são positivos quando se percebe que a sala de aula se transformou numa comunidade de indagações capaz de compreender o conhecimento como uma construção coletiva formada em variados espaços de convivência.

O exercício de pensar a importância do componente curricular filosofia na educação técnica integrada indica a necessidade do alinhamento dos conteúdos a serem trabalhados à vivência do educando em seus contextos culturais, éticos e sociais, o que não deve se restringir a um repertório de textos e formulações. Considerando a realidade perversa a ser enfrentada no

ensino médio massificado, esse parece ser um caminho particularmente adequado para responder aos seus desafios.

### **Considerações Finais**

O componente curricular filosofia, no IFSul – Câmpus Avançado Novo Hamburgo, vislumbra desenvolver no educando a capacidade de análise, de reconstrução racional e de crítica, a partir da compreensão de que tomar posições diante de textos e argumentos propostos de qualquer tipo e emitir juízos acerca deles é um pressuposto necessário para o exercício da cidadania.

O componente curricular filosofia nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia não ocupa um lugar especial. É apenas mais um no currículo e deve compor com os demais certa positividade curricular. Porém, seu trabalho com conceitos fundadores e o questionamento da manutenção dos valores vigentes joga, fatalmente, a filosofia na negatividade, no sentido de não aceitar como óbvias e evidentes as ideias, os fatos, as situações, os valores e os comportamentos de nossa existência singular e plural sem investigação prévia.

Sobre as indicações do referencial curricular do componente curricular filosofia, não é um programa fechado ou uma relação de conteúdos obrigatórios, embora indique conhecimentos e competências considerados mais pertinentes em relação a cada etapa do ensino técnico integrado:

o currículo é a expressão dinâmica do conceito que a escola e o sistema de ensino têm sobre o desenvolvimento dos seus alunos e que se propõem a realizar com e para eles. Portanto, qualquer orientação que se apresente não pode chegar à equipe docente como prescrição quanto ao trabalho a ser feito (BRASIL, 2006).

Consideramos que o ensino de filosofia deve introduzir o estudante no universo da problemática filosófica fazendo ver que esse universo é o universo das possibilidades. A discussão filosófica permite que o caminho traçado inicialmente, de um programa ou temas a serem trabalhados, possa ser modificado de acordo com o ritmo do surgimento das questões que mobilizam alunos e professor no decorrer da dinâmica da aula. Assim, o estudante poderá perceber, por exemplo, as inquietações que motivaram Platão a desenvolver uma teoria do conhecimento a partir do contato permanente com dois mundos, tal como Descartes chega à verdade seguindo uma dúvida metódica, e assim por diante.

A afirmação, atribuída a Kant, de que *não se aprende filosofia mas se aprende a filosofar* é utilizada, normalmente, quando se quer defender a prioridade de uma metodologia certificada como filosófica em relação a conteúdos pré-estabelecidos. Entenda-se que o ensino de filosofia faz sentido quando aquele que busca compreendê-la ou ensiná-la atenta-se mais a sua forma de proceder e menos a conceitos prontos e personagens.

Ao problematizarmos essa interpretação, entendemos que o isolamento do aspecto metodológico, puro e simples, no ensino de filosofia, inviabiliza uma ideia de componente curricular que possa ser compreendido na plenitude de suas contribuições para a formação de estudantes de nível médio integrado com formação técnica.

Sendo assim, se considerarmos que o importante no ensino de filosofia é o seu método e não o seu conteúdo, percebemos que o caminho mais indicado para descobrirmos o que é filosofar é investigarmos a tradição do pensamento filosófico. Nesse caso, não faz sentido quando o estudante se limita a memorização de conteúdos. Também é incoerente afirmar que o componente curricular filosofia é apreendido somente a partir do pensar individual ou em grupo. A amplitude da atividade de pensar já antecipa que nem tudo que se origina nela pode ser definido como filosofar ou filosofia, nem todo ato do pensamento é filosofia. Nesse sentido, a História da Filosofia pode servir de referência necessária para as aulas de filosofia. O componente curricular filosofia está, portanto, intrinsecamente comprometido com a formação dos estudantes de nível técnico integrado e o seu elemento como prática é o texto. “O texto é a mediação pela qual nos compreendemos a nós mesmos” (RICOEUR, 1996, p. 115). E texto não significa somente o escrito, mas tudo o possa levar a pensar, que possibilite uma reflexão compartilhada, comunicada, dialogada. O ensinar opera não como ato de controle, mas como um convite a um aprendizado, à inauguração de um novo começo que nós, professores, não temos como saber qual será. Diante do desafio em estruturar uma proposta curricular que busca contemplar uma sólida formação básica, por meio do enriquecimento dos componentes curriculares do ensino médio e da formação específica, a partir da ciência e da materialização da tecnologia, é preciso levar em conta a historicidade e a solidariedade do processo que instaura a humanidade no tempo.

É nesse contexto que entra a importância da abordagem filosófica e da postura filosófica, que interessam não a uma determinada função em particular, mas a todos sujeitos que estão passando por um movimento de inserção no mundo da cultura. Trata-se, pois, de uma exigência universal. E no tocante ao ensino médio integrado, não importa se o adolescente vai ter a terminalidade de seus estudos nesse nível, inserindo-se já no mundo do trabalho, ou se ele vai para o ensino universitário. Sua formação filosófica, assim como nos demais componentes da formação básica, é necessária para que este sujeito possa perceber o significado de sua existência histórica, o significado da sua inserção nos mais variados âmbitos.

Ajustar a aquisição de um conteúdo filosófico à apropriação de um método de acesso a esse conhecimento remete à um caminho para que o estudante conquiste progressivamente uma autonomia intelectual que o capacite a compreender outros conteúdos por conta própria. Se as

aulas de filosofia têm a intenção de despertar o interesse e estimular a reflexão filosófica, o percurso mais indicado parece ser tornar os conhecimentos filosóficos significativos para o aluno, e isso só é possível se eles se inscrevem numa busca do sentido da vida e das coisas.

### **Referências Bibliográficas**

BRASIL. *Ciências Humanas e suas tecnologias*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133p. (Orientações Curriculares para o ensino médio; volume 3).

KANT, I. *Resposta à pergunta: que é o iluminismo?* Lisboa, 70: 1995.

NIETZSCHE, F. *Os filósofos trágicos*. [Trad. R. R. Torres Filho]. In SOUZA, José Cavalcante de [org.] *Os pré-socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Platão. *Diálogos / Platão*; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 1ª. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

RICOEUR, P. *Sí mesmo como outro*. México: Siglo XXI, 1996.